

O gênero textual *tirinhas* sob a luz *Gilles Fauconnier*



<https://doi.org/10.56238/chaandieducasc-033>

Joseylza Lima Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

Professor EBTT - Português/Inglês - Mestrado em Letras
Campus Barra do Corda - SIAPE 2995671

RESUMO

O presente estudo constitui-se como reflexão acerca da Teoria Cognitivista, fundamenta-se na leitura dos Espaços Mentais, a partir da visão de Gilles

Fauconnier. A abordagem cognitiva de Fauconnier é aplicada ao gênero textual *tirinhas* no intuito de ilustrar a ocorrência do processo de compreensão que tem como base os Espaços Mentais. Enquanto gênero discursivo, busca-se conceituar a *tirinha* de modo a situá-la como importante objeto de leitura. A análise proposta é direcionada para as *tirinhas* do Armandinho produzidas pelo cartunista Alexandre Beck.

Palavras-chave: Cognitivismo, Fauconnier, Compreensão, *Tirinhas*.

1 INTRODUÇÃO

As práticas de leitura e compreensão de textos permitem ao leitor livre acesso aos mais variados meios de informação e tipos de conhecimento. A complexidade do ato de ler e a multiplicidade de componentes envolvidos no processo são questionamentos de estudiosos e profissionais da área que em diferentes perspectivas intentam desvendar a “arte” da leitura.

Devido a importância da leitura para o homem e para a sociedade em que vive este homem, propõe-se neste trabalho uma discussão acerca da abordagem cognitiva da leitura, pautada na Teoria dos Espaços Mentais, de *Gilles Fauconnier*. O campo de análise em que a teoria será aplicada centra-se no gênero textual *tirinha*, compreendido como um espaço emergente que se constitui através das informações provenientes da leitura em processamento na memória de trabalho, a qual busca na memória de longo termo o conhecimento prévio pertinente e, ainda, processa os novos conhecimentos advindos da leitura do texto *online*.

2 ABORDAGEM COGNITIVA DA LEITURA

A perspectiva de leitura abordada neste estudo fundamenta-se na linguística cognitiva, especificamente, no modelo dos espaços mentais, proposto por Fauconnier. Contudo, não se pode iniciar uma discussão como esta sem antes rever as ideias que se tornaram ponto de partida para a linguística moderna no século XX. Optou-se por buscar alguns conceitos da linguística moderna, que como *contraponto*, darão início à análise. Inicialmente, retoma-se *O Curso de Linguística Geral*, livro que expõe as ideias de Saussure, construído a partir de anotações redigidas por seus alunos entre 1907



e 1911, na Universidade de Genebra. Os estudos apresentam a linguagem como um sistema articulado, nesta abordagem a língua é forma e não substância, devendo ser estudada em si e por si. Nesta perspectiva, faz-se o *estudo imanente da língua* abandonando todo e qualquer fator extralinguístico. Reconhecida como teoria estruturalista, compreende a língua como um conjunto de regras, que constitui uma organização, um sistema. Martelotta, a seguir, expõe mais características dessa abordagem:

Nesta perspectiva, ficam excluídas as relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e distribuição geográfica, língua e literatura ou qualquer outra relação que não seja absolutamente relacionada com a organização interna dos elementos que constituem o sistema linguístico (MARTELOTTA, p.114, 2013)

Nessa perspectiva, os estudos sobre a linguagem pautam-se nas formas linguísticas que são portadoras de significado; ou seja, o significado está na palavra, e o signo linguístico é formado por um significado e um significante. Para Saussure, o significado da palavra precisa ser decifrado pela mente.

Noam Chomsky opôs-se ao estruturalismo propondo a teoria gerativista. De modo geral, os teóricos dessa abordagem pressupõe que a linguagem não é um componente independente da mente, ou de outras faculdades mentais. Ao contrário da teoria saussuriana, nesta, é fundamental ter em mente que a competência linguística é inata, decorrendo da herança genética humana.

As teorias cognitivistas clássicas baseiam-se em representações simbólicas, manipuláveis através de determinadas regras. Essas teorias comparam a mente humana a um computador, uma vez que a mente seria formada por módulos e submódulos, que realizariam suas funções de forma inconsciente, rápida e mecânica, como reflexos. Várias são as hipóteses que embasam a teoria cognitiva, Koch faz a seguinte reflexão a respeito:

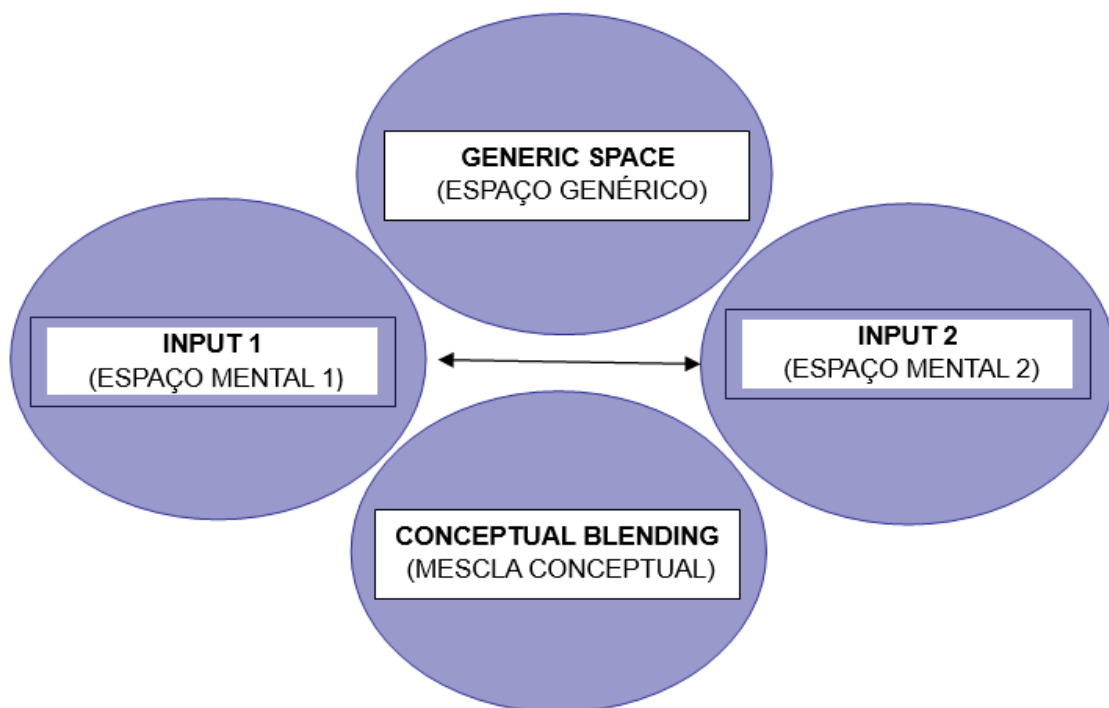
De qualquer forma, um princípio básico da Ciência Cognitiva é que o homem representa mentalmente o mundo que o cerca de uma maneira específica e que, nessas estruturas da mente, se desenrolam determinados processos de tratamento, que possibilitam atividades cognitivas bastante complexas. Isto porque o conhecimento não consiste apenas em uma coleção estática de conteúdos de experiência, mas também em habilidades para operar sobre tais conteúdos e utilizá-los na interação social (KOCK, p. 37, 2011).

Por sua vez, a Teoria dos Espaços Mentais, de Gilles Fauconnier tem como fundamento a concepção de *linguagem como um instrumento cognitivo* e não mais como faculdade mental. Essa dissidência da linguística cognitiva que se destacou da teoria clássica trata a significação de uma perspectiva diferente, não é a palavra que possui o sentido, mas a mente; a linguagem tem a função guiar e acionar o sentido. O modelo trabalha com uma perspectiva integradora de cognição, que vai de encontro às teorias cognitivas modulares como a chomskiana, considerando a organização cognitiva como um sistema integrado de linguagem e estrutura sociocultural.



O papel da linguagem para Fauconnier é construir os *espaços mentais* - *space builders*, caracterizados como campos demarcados, equivalem a uma parte da mente, que é imaginada como um vasto espaço. Em outras palavras, o espaço mental é parte de um grande terreno, que é a mente humana. Os textos, as palavras, as formas linguísticas, de modo geral, são considerados como responsáveis pela construção desses espaços, que são formados na hora da fala, leitura, escrita e pensamento. Eles fazem o papel de guias dessas ações, que vão criando esses espaços à medida que novos assuntos surgem, suprimindo as necessidades momentâneas de uso. Por serem constituídos de formas linguísticas, são espaços mentais discursivos, porque servem ao propósito em que a linguagem esteja envolvida.

A Teoria de Fauconnier postula que imaginação e integração de identidades é um processo representado por quatro círculos, hierarquicamente organizados, que ele chama de *Minimal Network* (*rede mínima*). A rede trabalha com dois espaços mentais – input 1 e 2 –, e a partir deles, obtêm-se um terceiro espaço mental, o chamado *Conceptual Blending* (*mesclagem conceptual*). A nível de exemplificação, abaixo expõe-se um diagrama da *Minimal Network* (*rede mínima*).



A mescla conceptual integra os componentes dos inputs 1 e 2, criando uma estrutura emergente. O *Conceptual Blending* refere-se à capacidade que diferencia o homem dos outros animais: habilidade de conceber conceitos e integrá-los para formar novos moldes de pensamento. Consoante a essas ponderações pode-se conceber como o sentido é processado pela mente humana. Segundo Ferrari:



A mesclagem conceptual (*Blending*) é uma operação mental que pode ser considerada a origem da nossa aptidão para inventar novos sentidos. Consiste em uma operação através da qual se estabelece projeção parcial entre dois espaços iniciais (*Input 1* e *Input 2*), que permite uma correspondência entre elementos análogos. Essa correspondência, por sua vez, é licenciada pelo *Espaço Genérico*, representante da estrutura abstrata que os espaços iniciais têm em comum. Por fim, há um quarto espaço, nomeado mescla (*Blend*), que reúne elementos projetados dos *inputs*, estabelecendo uma estrutura emergente própria não existente nos espaços iniciais. (FERRARI, p. 120-121, 2014)

Em conformidade com a teoria dos espaços mentais de Fauconnier, propõe-se a análise do processamento cognitivo da leitura e a produção de sentido, aplicando-se seus conceitos e forma de concepção, aos conceitos de *tirinhas*, enquanto gênero discursivo presente no ambiente educacional.

3 O GÊNERO TEXTUAL TIRINHA

O ato de ler tornou-se uma atividade essencial ao homem civilizado, pois, insere-o em um mundo de conhecimentos e possibilidades sociais inimagináveis sem a sua presença. Saber ler tornou-se condição indispensável para o acesso a qualquer área das ciências e, mais ainda, para participar efetivamente da vida em sociedade, uma vez que a leitura tem função utilitária, mas, também, transformadora dessa sociedade. Morais (1996) discorre da seguinte forma a respeito da função social da leitura:

A leitura já é indispensável na vida cotidiana, mesmo fora da esfera profissional. Os textos escritos substituem a informação falada, individual, nos aeroportos e estações, lojas, bancos... Já não se trata de ser capaz de ler apenas o nome da estação de metrô, os anúncios ou o número do telefone de alguém na lista, mas de saber ler a informação por computador, os boletins de previsão meteorológica, os catálogos turísticos, as bulas de remédios, as instruções para a utilização de equipamentos eletrodomésticos etc. (MORAIS, p.21, 1996)

É consenso entre pesquisadores e professores que ler e compreender textos sejam atividades cognitivas de alta complexidade. Elas são compostas de inúmeros processos internos, relacionados à mente; e externos, relacionados ao texto e ao contexto extralinguístico. Como atividade cerebral interna, a Teoria dos Espaços Mentais propõe o estudo dos processos cognitivos que inter-relacionam linguagem e cognição. Nesse sentido, os conhecimentos adquiridos no ambiente escolar são registrados, armazenados e consolidados na memória de longo termo; com o surgimento de novos dados ao longo do processo educacional, as informações, que já estão armazenadas e os novos dados são reorganizados e integrados aos já existentes, originando assim, novas sistematizações de conhecimentos.

Para aprofundar a discussão e no intuito de melhor caracterizar a proposta de estudo aqui apresentada, recorre-se aos conceitos de gênero textual, tipo textual, domínio discursivo e, posteriormente, à definição de tirinha. A variedade de gêneros é considerada imensa, mas não infinita. Entende-se por *gênero textual* os textos encontrados no cotidiano e que têm a função de preencher necessidades sociais determinadas: carta, telefonema, reportagem, horóscopo, edital, cardápio de



restaurante e assim por diante. O *tipo textual* é considerado uma construção teórica com propriedades definidas que se estabelecem no interior dos gêneros; as categorias dos tipos são determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, lógicos e verbais; os tipos são conhecidos como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. Por *domínio discursivo* entende-se a existência de âmbitos de produção discursiva ou de atividades humanas diversas (MARCUSCHI, 2008).

De acordo com os conceitos de *gênero, tipo e domínio discursivo* aqui expostos, os quais se baseiam em teóricos da linguística textual (MARCUSCHI, 2008), infere-se que toda e qualquer manifestação verbal que cumpra uma função social e se preste à comunicação é considerada um gênero textual; já o tipo textual é uma espécie de sequência definida pela sua natureza e sua composição linguística; quanto ao domínio discursivo não se trata de textos ou discursos, como o termo supõe, mas de esferas sociais que propiciam o surgimento de discursos específicos. Para exemplificar, cita-se o domínio discursivo religioso, em que circulam vários gêneros textuais. Neste trabalho, o *Minimal Network (Rede Mínima)* terá como *Generic Space (espaço genérico)* o *domínio discursivo educacional*. Destaca-se que a esfera educacional é um espaço didático, cabendo, pois, além dos gêneros próprios da educação, todo e qualquer gênero que tenha função didática.

Diante dos conceitos de *gênero, tipo e domínio discursivo*, supracitados, emerge-se a necessidade de definir a *tirinha* e situa-la em relação às definições abordadas. Consideradas como um gênero textual do subgrupo das histórias em quadrinhos (HQs), e preferência entre os leitores do público infanto-juvenil, as tirinhas são mais curtas, escritas entre 3 e 6 quadrinhos. Algumas características são apontadas por Ramos (2011), no intuito de estruturar este gênero: formato fixo e horizontal; imagens desenhadas; personagens podem ser fixos ou não; uso de diálogos; tema abordado de maneira humorística; tendência de desfecho inesperado, como uma piada; pode ter continuidade temática em outras tiras.

As tirinhas são composições tipológicas predominantemente narrativas, mas por seu caráter heterogêneo também apresentam-se como tipos expositivos, injuntivos ou argumentativos. O ambiente discursivo da tirinha é o jornalístico, de maneira que o “produtor” se utiliza deste gênero para criticar, satirizar, ou ainda, enfatizar sua opinião de modo persuasivo sobre algum assunto que esteja em voga na sociedade. Sérgio Roberto Costa em seu Dicionário de gêneros textuais define a tirinha como:

TIRA/TIRINHA (v. BANDA DESENHADA, *COMICS*, DESENHO ANIMADO, GIBI, HISTÓRIA EM QUADRINHOS – HQs -, MANGÁ): segmento ou fragmento de HQs, geralmente com três ou quatro quadros, apresenta um texto sincrético que alia o verbal e o visual no mesmo enunciado e sob a mesma enunciação. Circula em jornais ou revistas, numa só faixa horizontal de mais ou menos 14 cm x 4 cm, em geral, na seção “Quadrinhos” do caderno de diversões, amenidades ou também conhecido como recreativo [...]. (COSTA, 2014, p.219)

A produção do sentido humorístico, que também define a tirinha, é formada pelo caráter visual e verbal. A posição humorística deste gênero propicia aos alunos, no ambiente discursivo educacional,



um postura diferenciada às leituras, que na maioria da vezes são feitas com textos desinteressantes e que não aguçam a curiosidade do estudante.

As tirinhas que serão palco para esta análise foram escolhidas a partir da proposta do catarinense Alexandre Beck, que desde 2009 cria tirinhas e é o "pai" do personagem Armandinho, que em suas histórias geralmente conversa com adultos e deixa aos leitores um convite à reflexão. O potencial comunicativo de “Armandinho” fez com que as tirinhas sejam publicadas em vários jornais pelo país e em páginas nas redes sociais em que conta com um grande número de seguidores, afirmou Beck em entrevista à revista eletrônica Wide.

4 CONCEPTUAL BLENDING: TIRINHA

Em consonância com os conceitos aqui expostos, arrisca-se a ilustrar a Teoria dos Espaços Mentais a partir dos conhecimentos advindos do gênero textual tirinha, e que necessariamente para que haja compreensão, mobiliza conhecimentos presentes na memória de longo termo. A constituição verbo-visual da tirinha proporciona uma articulação entre a dimensão linear da palavra e a não linear da imagem, exigindo do leitor mais esforços para a produção de sentido. Para compreender a comunicação contida nestas tirinhas o leitor precisa reconhecer as características e o funcionamento de uma escola. Segue abaixo duas tirinhas do personagem *Armandinho* que serão analisadas, para tal atividade, aqui serão nomeadas de *Tirinha 01* e *Tirinha 02*. Em ambos os exemplos encontram-se os recursos visuais e verbais, que possibilitam a interação das informações. Percebe-se que Armandinho ao chegar em casa vindo da escola é questionado pela figura de um adulto, o pai, sobre como foi o seu dia de estudante.



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/?fref=ts> Acesso em: 20 jun. 2016

Generic Space (espaço genérico): ambiente educacional.

Input 01 (espaço mental 01): comportamento, atividades realizadas, notas, assiduidade, participação, professores, alunos, coordenação, recreações, horários.

Input 02 (espaço mental 02): banheiros, portas, cadeiras, paredes.

Conceptual Blending (mescla conceptual): a junção dos dois espaços resulta na mesclagem de informações, que enquanto o pai de Armandinho o questiona sobre as atividades decorrentes da vida



estudantil ou de qualquer acontecimento estranhos a este cotidiano, no qual utiliza a interrogação: *Como estava a escola hoje, filho?* Armandinho o responde: *Estava bem! Banheiros, portas, cadeiras, paredes...Tudo direitinho!* De maneira desinteressada, Armandinho faz referência ao espaço físico da escola, como se qualquer fato “errado” ou “estranho” estivesse relacionado a escola em si, e não ao aluno, no caso Armandinho. A charge aborda um comportamento típico de estudantes, que ao serem interrogados pelos pais sobre como estão se desempenhando nas atividades na escola, desviam a conversa para não dar as informações solicitadas.



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/?fref=ts> Acesso em: 20 jun. 2016

Generic Space (espaço genérico): ambiente educacional

Input 01 (espaço mental 01): aprendizado, dúvidas, tarefas realizadas, desempenho, aula, participação, disciplinas, conteúdos, professores.

Input 02 (espaço mental 02): Vossa Excelência, Vossa Magnificência, Vossa Majestade, pronomes, pronomes de tratamento, aula de português.

Conceptual Blending (mescla conceptual): a mescla conceptual dessa charge emerge da integração dos espaços mentais 01 e 02. No primeiro espaço mental encontram-se informações que já foram adquiridas e permanecem na memória, são as informações que referem-se as duas perguntas do pai de Armandinho: *Como foi a aula, filho? E qual o assunto?* As perguntas feitas pelo pai de Armandinho pressupõe que as respostas seriam relacionadas ao processo de aprendizagem do filho, e sobre os conteúdos que foram ensinados na escola. Por sua vez, Armandinho, de forma positiva, responde ao pai utilizando formas de tratamento que direcionam o entendimento do leitor ao conteúdo da aula: *Excelente, Vossa Excelência! Na verdade, foi magnífica, Vossa Magnificência! Imagine, Vossa Majestade!* Carregada de humor a charge traz à reflexão os conteúdos que são abordados nas aulas de língua portuguesa e que de certa forma estão descontextualizados do cotidiano do aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, as ponderações lançadas por este estudo intentaram através dos conceitos trabalhados, exemplificar o processamento cognitivo da leitura. As exposições feitas ao longo deste trabalho apontam para uma perspectiva de processamento mental baseado no arcabouço teórico da



linguística cognitiva de Fauconnier. Destacou-se no conceptual blending o gênero textual *tirinha* em que, a partir da leitura do personagem *Armandinho*, tornou-se possível ilustrar os passos em que ocorrem o processo de interpretação de acordo com os Espaços Mentais. Enfatiza-se a importância da *tirinha* como um gênero potencial para consolidação das práticas de leitura em sala de aula, tendo em vista as características verbais e visuais que precisam ser incorporadas no processo de compreensão.



REFERÊNCIAS

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 3.ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FAUCONNIER, Gilles. *Uma conversa com Gilles Fauconnier*. Entrevistadora: Carla Viana Coscarelli, 2004. Entrevista concedida à University of California at San Diego.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: BEZERRA, A.M.; DIONISIO, P.A.; MACHADO, R.A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 5.ed. São Paulo: Lucerna, 2005.

MORAES, José. *A arte de ler*. São Paulo: Unesp, 1996.

<http://www.revistawide.com.br/design/a-historia-de-armandinho-contada-pelo-seu-criador> acessado: 26/06/2016 a 18:43